



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Educação, Diversidade e Diferença

Sinop, v. 11, n. 1 (28. ed.), p. 109-121, jan./jul. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

---

## OS EFEITOS DE SENTIDO DE SER PROFESSORA INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE COLÍDER<sup>1</sup>

### THE SENSE EFFECTS OF BEING AN INDIAN TEACHER IN COLÍDER CITY

Vanuzza Cristina Gomes

#### RESUMO

Na perspectiva de atender à temática Educação, Diversidade e Diferenças, este estudo propõe uma investigação sobre os efeitos de sentido de ser professora indígena no município de Colíder por meio de entrevista narrativa com uma professora Waurá (etnia materna), Caiapó (etnia paterna). Fundamentado no referencial da Análise do Discurso de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, as análises levaram em consideração as noções de sujeito, condições de produção e discurso. Os resultados permitiram a constatação de que o sujeito Professora Indígena teve de quebrar vários paradigmas para conquistar seu espaço e estabelecer sua identidade enquanto sujeito professora na sociedade urbana.

**Palavras-chave:** Educação. Análise do Discurso. Efeitos de Sentido. Professor Indígena.

#### ABSTRACT

From the perspective to pay attention to the Education, Diversity and Differences theme, this study proposes an investigation into the sense effects of

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do Projeto de Pesquisa intitulado “A história do professor de Letras durante o processo de escolarização no município de Colíder entre 1975 e 2010”, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Cristinne Leus Tomé do Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de Pesquisa Estudos Linguísticos do Curso de Letras – desenvolvido pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Sinop – Mato Grosso (MT).

being an indian teacher in Colíder city through narrative interview with a Waurá (mother ethnicity), Caiapó (father ethnicity) teacher. Based on the discourse analysis Michel Pêcheux and Eni Orlandi framework, the analyzes have taken into consideration the notions of subject, production conditions and discourse. The results allowed the realization that the indian teacher subject have to break various paradigms to achieve her space and establish her identity as a subject teacher in urban society.

**Keywords:** Education. Discourse Analysis. Sense Effects. Indian Teacher.

Correspondência:

**Vanuza Cristina Gomes.** Graduada pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus de Cáceres. Mestranda no curso de Mestrado Acadêmico PPG - Letras (2019), pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus de Sinop, desde 2019/02. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação e Estudos de Linguagem (GEDEL- UNEMAT). É integrante do projeto de pesquisa Leituras Urbanas e suas materialidades discursivas socioambientais no Norte do Mato Grosso – (Leituras). Colíder, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [vanuzagomesprof@gmail.com](mailto:vanuzagomesprof@gmail.com)

Recebido em: 30 de dezembro de 2019.

Aprovado em: 19 de maio de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3768/2726>

## 1 INTRODUÇÃO

A cidade de Colíder apresenta uma história de povoamento bem recente. Emancipada em 18 de dezembro de 1979, a mesma é constituída na sua maioria por pessoas advindas do interior da região sul e sudeste do país (dados esses que podem ser comprovados através dos acervos literários disponíveis). Além disso, a localização do município, ao norte do estado de Mato Grosso, faz parte do bioma da Amazônia, dessa forma, na década de 90, com a crescente mobilização indígena Kayapó pela demarcação de suas terras, há também a chegada de um número expressivo de indígenas ao município.

Figura 1 - Localização de Colíder em Mato Grosso<sup>2</sup>



Fonte: Wikipedia (2019)

Nessa perspectiva, a proposta desse artigo é propiciar uma reflexão especificamente acerca dos sentidos que constituíram o sujeito Professora Indígena no município de Colíder e como o movimento de migração indígena para a cidade atravessou sua formação discursiva e ideológica. Sendo assim, este trabalho pretende abordar como se compôs a maneira de significar desse sujeito, através do papel de ser professora.

Diante do exposto, pretende-se considerar as concepções da Análise do Discurso que tem como pilares a história, a língua e o sujeito. Para tanto, os conceitos da AD nos dizem que os sujeitos são constituídos pela história e pela língua e que ocupam posições ideológicas dentro do discurso. Dessa forma, a AD reside em três regiões do conhecimento científico:

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 160).

Destarte, tal proposta pretende contribuir para reflexões sobre o papel da mulher indígena que vive na cidade e desempenha um intercâmbio interétnico, além de observar quais são as condições de produção em que esse indivíduo inscreve seu discurso enquanto sujeito. Nesse sentido, convém mencionar que ao longo da história, temos outros sujeitos mulheres indígenas que desempenharam esse papel entre culturas. De acordo com João Azevedo Fernandes (2009, p. 2), podemos

<sup>2</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/colider>. Acesso em: 30 dez. 2019.

exemplificar Maria da Rosa, mulher indígena trazida da aldeia para se casar com branco que viveu no século XVI em Olinda, destacando-se por ocupar um papel de liderança na sociedade branca. “[...] Maria da Rosa ocupava uma posição de liderança, de ‘meirinha’, entre as índias. Os jesuítas logo se aproveitaram deste prestígio e fizeram-na fundar uma casa para as índias livres [...]” (FERNANDES, 2009, p. 3).

De acordo com o contexto histórico acima explicitado, situar-se-á esse artigo buscando perceber esse movimento que impulsionou a ruptura de padrões sociais que ditam o lugar da mulher indígena, focando o olhar para a constituição do sujeito professora e observando quais formações ideológicas e discursivas a fizeram ter um papel de relevante significado na conjuntura atual desta cidade.

## **2 PROFESSORA, INDÍGENA E MULHER: as faces de um mesmo sujeito**

Mayalú Kokometi Waurá Txucarramãe, filha de pai Kayapó e de mãe Waurá, estabeleceu-se com os membros de sua família no município de Colíder no final da década de 90. Sendo sua língua materna o Waurá, posteriormente aprendeu o Português na escola aos nove anos de idade para se comunicar com seu pai, uma vez que o mesmo não falava a língua Waurá e sim o Kayapó.

**(01) Mayalú:** Então, a minha língua materna é o Waurá, a paterna é o Mebêngokrê, o Kayapó. Minha mãe é Waurá e meu pai é Kayapó e assim a minha primeira língua é o Waurá, aí depois vem o Português. O meu pai não fala o Waurá e então eles se comunicavam em Português.

No âmbito pedagógico, a mesma formou-se em Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso, câmpus de Colíder em agosto de 2019. Participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) entre 2014 e 2017. Foi coordenadora das duas escolas indígenas que pertencem à Assessoria Pedagógica de Colíder, sendo elas: Escola Estadual Indígena Bepkororoti e Escola Estadual Indígena Mayrowi Apiaka.

Figura 2- PIBID



Fonte: Acervo Particular de Mayalú (2019)

Diante das informações acima apresentadas, poder-se-ia dizer que houve uma interpelação ideológica, cultural e étnica na formação discursiva desse sujeito Professora Indígena, de forma que a mesma teve que assumir vários papéis em diferentes contextos.

**(02) Mayalú:** Então, a minha experiência nesse processo, nessa iniciação... Ela é difícil por ser indígena, mulher e mãe. Foi difícil a questão do preconceito, das pessoas não acreditarem na nossa potencialidade, na nossa capacidade de poder ensinar.

Portanto, utilizando os conceitos da AD, este artigo pretende investigar qual o percurso percorrido por este sujeito, na sua maneira de significar frente a diferentes papéis, em diferentes contextos, que o mesmo tem desempenhado. Além disso, observar-se-á também, como o funcionamento da memória produz sentidos no sujeito Professora Indígena uma vez que ora está em contato com a escola indígena dentro do ambiente da aldeia, ora está inserido no espaço da escola urbana com a grande maioria de alunos não indígenas.

## 2.1 Referencial Teórico

A proposta deste artigo pautará seus estudos sob o viés da Análise do Discurso Francesa, de maneira a abordar o funcionamento da memória discursiva, as condições de produção e os efeitos de sentido na constituição do sujeito Professora Indígena no município de Colíder. Ao longo desse recorte pretende-se analisar como se manifesta a materialidade ideológica do indivíduo em sujeito, além de reforçar a existência das relações de poder dentro do meio social, em especial no âmbito pedagógico, de maneira que o sujeito Professora Indígena tenta ter voz e lugar através de seu posicionamento.

Para tanto, faz-se necessário traçar alguns apontamentos sobre os conceitos teóricos metodológicos da Análise do Discurso. Primeiramente, tomemos a concepção de discurso como algo exterior à língua, mas que necessita da língua para que sua efetiva materialidade ocorra. Outro ponto a ser mencionado, é o fato de que o sujeito exerce um papel intrínseco no conceito de discurso, pois não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem discurso. “Daí a definição de discurso: o discurso é o efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2007, p. 21). Ou seja, o sujeito é abordado a todo momento pelo real da história e pela língua de maneira inconsciente. E a partir desse movimento surge a formação dos efeitos de sentido produzido por sujeitos assujeitados por discursos anteriormente proferidos.

Com relação à memória discursiva, esta por sua vez tem estreita conexão com as formações ideológicas ao que o sujeito foi exposto no decorrer de sua história. O sujeito reproduz determinado discurso, pensando ser o primeiro a dizê-lo, todavia, ele está apenas reproduzindo discursos já existentes. De maneira que podemos dizer que o discurso não é individual ele é reflexo de comunidade, de sociedade, de coletividade, ou melhor, de memórias discursivas que interpelam a todo momento o dizer do sujeito.

Esse espaço de memória como condição do funcionamento discursivo constitui um corpo sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. É uma memória coletiva, até mesmo porque a existência de diferentes tipos de discurso implica a existência de diferentes grupos sociais, sem, contudo, implicar equivalência. Um discurso engloba a coletividade dos sujeitos que compartilham aspectos socioculturais e ideológicos, e mantém a contraposição a outros discursos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidade que intervêm na sua construção. (FERNANDES, 2008, p. 42).

Diferentemente da Linguística, a Análise do Discurso trabalha com uma proposta de considerar o exterior da língua, ou melhor, de considerar as condições de produção, sejam elas de caráter social, histórico e/ou ideológico. A AD interessa-se por todos esses aspectos, pois procura compreender o funcionamento discursivo, e para tanto, deve conceber como se constitui o sujeito e como esse sujeito produz sentidos por meio do discurso. Por isso, a importância dos sujeitos e da situação, ou melhor dizendo, das condições de produção.

A AD é uma espécie de antidisciplina, uma desdisciplina, que vai colocar questões da linguística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade que ela apaga do mesmo modo que coloca questões para as ciências sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam. [...]

A AD trabalha no entremeio, fazendo uma ligação, mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva. [...]

A AD questiona o que é deixado para fora, no campo da linguística: o sujeito e a situação. (ORLANDI, 1996. p. 25).

Para finalizar as considerações sobre os conceitos da Análise do Discurso abordados neste artigo, tomemos a concepção de formação discursiva que trata a questão de as palavras adquirirem determinado sentido de acordo com a formação ideológica em que o sujeito se inscreve. Dito isso, podemos afirmar que para a AD os sentidos mudam, deslocam-se, conforme as posições que os sujeitos ocupam no discurso.

Isso equivale a firmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhe são correspondentes. (PÉCHEUX, 2014, p. 147).

Segundo as noções conceituais da Análise do Discurso, brevemente expostas acima, o presente trabalho busca compreender como o sujeito Professora Indígena desloca seus sentidos a partir da nova realidade ao qual lhe é apresentada. Vejamos:

**(03) Mayalú:** Eu percebi o preconceito dentro das escolas por não ter credibilidade de poder montar um plano de aula. Ter aquela desconfiança de não... de que não



vai dar... assim, parece que não tem tanta necessidade a nossa opinião, eu, como indígena, mas eu me posicionava, fazia e mostrava que os meus trabalhos também dão certo e fazem a diferença. E essa posição, esse meu posicionamento é que vem abrindo portas para mostrar que eu tenho capacidade de ser uma boa professora. Ser uma professora para mim é fundamental e essencial para sociedade.

De acordo com o que foi explicitado acima, a luta de classes e diferentes formações ideológicas e discursivas refletem na constituição do sujeito Professora Indígena, que para ser um sujeito 'reconhecido' necessita da demarcação de seu espaço enquanto docente.

As transformações sofridas nas condições sociais manifestam-se nas produções discursivas, sempre marcadas pelo entrecruzamento de discursos e acontecimentos anteriores. Acentua-se, dessa maneira, a fragmentação do sujeito, a heterogeneidade constitutiva do discurso. O sujeito discursivo é plural, ou seja, é atravessado por uma pluralidade de vozes e, por isso, inscreve-se em diferentes formações discursivas e ideológicas. (FERNANDES, 2008, p. 34).

Portanto, importa para a Análise do Discurso, identificar e compreender como acontece o funcionamento do discurso e como os efeitos de sentido constituem o sujeito que ao longo de sua trajetória é apresentado a várias formações discursivas de acordo com o contexto histórico social em que está inserido. Sendo assim, o sujeito caracteriza-se pela heterogeneidade que o constitui. Partindo desse pressuposto, observa-se que o sujeito Professora Indígena ora é interpelado pelo sujeito professora urbana, falante de Português, ora é interpelado pelo sujeito Professora Indígena.

**(04) Mayalú:** Nas aldeias eu tive oportunidade de coordenar as escolas indígenas e eu gostava muito de ter esse vínculo com a sala de aula e lá é diferente daqui, o modo de vida lá é diferente porque lá é tudo novo, então, eu como indígena e falante de língua portuguesa chamava mais atenção e aqui é diferente por causa disso, eu chamo atenção porque eu sou indígena e eles ficam curiosos para saber a minha vida como indígena. E lá na aldeia, eles querem aprender a língua portuguesa, eles querem saber como que é, como que se vive aqui na cidade e eu chamo a atenção deles lá por causa disso.



De acordo com recorte acima apresentado, pode-se dizer que “[...] a materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos/outros lugares, outras posições.” (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2006, p. 20).

## **2.2 Metodologia**

Para este trabalho de pesquisa pretende-se abordar os mecanismos metodológicos que constituem a Análise de Discurso, que perpassam os próprios mecanismos do processo de produção de conhecimento, ou seja, escolhe-se um objeto a ser analisado, no caso o objeto da pesquisa é o Sujeito Professor Indígena do município de Colíder, em seguida faz-se o recorte para delimitação do *corpus*, no artigo apresentado o *corpus* foi constituído através dos recortes realizados na entrevista concedida pelo sujeito Professora Indígena, posteriormente triangulam-se os dados com os conceitos teóricos metodológicos da AD que no estudo em questão enfatiza os efeitos de sentido, as formações ideológicas e discursivas que o constituem enquanto sujeito Professora Indígena.

Para pesquisas de âmbito social é comum a utilização de pesquisa qualitativa, dessa forma, a metodologia utilizada foi de coleta de informações, por meio de entrevista narrativa, com uma professora indígena do município de Colíder, a mesma discorreu sobre os efeitos de sentido de ser Professora Indígena no município em questão, além de ter narrado suas experiências pedagógicas na cidade e na aldeia com ênfase em questões como a quebra de paradigmas, a consolidação de suas potencialidades e os desafios encarados frente a inúmeros papéis assumidos.

Conforme explicitado anteriormente, as narrativas são um método de pesquisa bastante disseminado dentro das pesquisas das ciências sociais, pois, “[...] através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.” (BAUER; GASKELL, 2018, p. 91).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa permitiram visualizar a constituição de um sujeito Professor Indígena que chegou ainda criança, de sobressalto, num ambiente totalmente diferente do seu, que teve de lidar com o aprendizado de uma nova língua para poder integrar-se ao grupo. Posteriormente, teve de quebrar vários paradigmas para consolidar-se enquanto sujeito Professora Indígena.

**(05) Mayalú:** A língua portuguesa se sobrepõe à nossa língua materna. Eu senti isso até hoje, porque ela é muito forte. Eu vivo aqui, sempre vivi aqui a partir de quando eu comecei a estudar, eu tinha que aprender o português para me comunicar com os professores, com os outros alunos. A questão de não falar a língua atrapalhava, porque todos falavam e eu me sentia excluída porque eu era a única a falar outra língua, mas isso agora eu entendo que eu não tinha que ter vergonha na época, mas eu não tinha preparo, eu não estava preparada para esses dois mundos [...].

Figura 2 - Prática em sala de aula



Fonte: Acervo Particular de Mayalú (2019)

Ainda de acordo com os relatos da professora, os alunos eram os que menos demonstravam algum tipo de preconceito com ela, ao contrário, mostravam-se curiosos em saber sobre sua cultura, seu modo de vida.

**(06) Mayalú:** Os alunos na verdade é o que me cativa, porque eles não têm preconceito. Assim, dentro da escola quando eu fazia parte do programa o que mais me fortalecia eram os alunos, porque eles me acolheram. Eles querem saber, eles têm curiosidade de saber dessa diferença, de saber quem eu sou, de saber como eu vivo e também de aprender comigo sobre essas experiências que eu tenho como indígena.

Na fala acima explicitada, percebe-se que nesse ambiente o sujeito consegue materializar-se na figura de professor, uma vez que em outras circunstâncias essa atribuição não lhe é reconhecida. Desse modo, sente sua voz e sua identidade respeitadas.

Outro ponto observado na fala da professora entrevistada diz respeito ao fato de que ela tem se engajado no sentido de valorizar e preservar a sua formação ideológica, linguística e cultural enquanto indígena. E ela tem disseminado essa cultura para seus alunos, da importância de se inscrever enquanto sujeito autor de sua história. Além disso, enfatiza a falta de atenção das instituições que dão assistência aos indígenas na questão de assegurar-lhes a sua língua nativa, mesmo quando os indígenas se mudam para a cidade, pois não têm profissionais para atenderem alunos que têm como língua materna a língua indígena.

**(07) Mayalú:** Eu vejo a importância das nossas línguas, porque a língua é a nossa identidade e é assim se eu, quer dizer, se as instituições que dão assistência para o indígena tivessem tido essa visão da linguagem, talvez eu não tivesse perdido a minha língua. Eu sei falar só que não é fluentemente mais, eu confundo muito, muitas coisas [...]. Eu decidi ser professora para poder levar essa importância para a aldeia, porque o modo de vida aqui, do não indígena ele é muito atrativo [...].

Diante desse contexto e fundamentado pelo aporte teórico da AD percebe-se que o sujeito Professora Indígena do município de Colíder é interpelado por ambas as ideologias e assume papéis diferentes nas relações de poder social, na cultura não indígena luta pelo reconhecimento e enfrenta paradigmas na maioria dos ambientes que frequenta, já na cultura indígena é tido como sujeito de referência, liderança e representatividade.

Sendo assim, mais uma vez é reforçado o discurso colonizatório que persiste em fazer parte da nossa história. Entretanto, sujeitos como a Professora Indígena em questão, faz-nos refletir sobre a possibilidade de ocorrer a ruptura das relações de poder presentes na sociedade, em que um sujeito antes indivíduo dentro de um determinado meio social torna-se protagonista e representante de um determinado discurso, antes não ouvido.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FERNANDES, João Azevedo. As invenções de uma mulher: Maria da Rosa e a criação historiográfica – século XVI. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL – GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS – CULTURAS, LEITURAS E REPRESENTAÇÕES, 2., 2009, João Pessoa. **Anais** [...]. Paraíba: UFPB e UEPB, 2009.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, Martin; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 90-113.

ORLANDI, ENI Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni Pucinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzi. **Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PECHÊUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani et al. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014. p. 159-249.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014.

RAMOS, Vanessa Nunes; ZOIA, Alceu. A formação do professor indígena. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 4, n. 2, p. 230-238, ago./dez. 2013. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/issue/archive>. Acesso em: 05 nov. 2019.

SEVERIANO, Rafael. Mulher, música e educação indígenas: aspectos da prática e transmissão musical feminina Tupinambá no Brasil colonial. *In*: CONGRESSO DA

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 25., 2015, Vitória. **Anais** [...]. Espírito Santo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2015. Tema: Formação de pesquisadores, docentes e artistas na área de música: tendências, desafios e perspectivas. Eixo temático: Impactos de ensino superior em música (graduação e pós-graduação): inserção profissional dos egressos. Subárea: Etnomusicologia, p. 1-10. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/congressos/index.php/25anppom/Vitoria2015/schedConf/presentations>. Acesso em: 04 nov. 2019.

TXUCARRAMÃE, Mayalú Kokometi Waurá. Indígena, mulher, mãe e professora. [Entrevista cedida a] Vanuza Cristina Gomes. **Efeitos de sentido de ser professora indígena**, Colíder, 2019.

TXUCARRAMÃE, Mayalú Kokometi Waurá. **PIBID**. 2019. 1 fotografia.

TXUCARRAMÃE, Mayalú Kokometi Waurá. **Prática em sala de aula**. 2019. 1 fotografia.